

**O BUDISMO HONMON BUTSURYU-SHU E O BUDA
PRIMORDIAL**

***THE BUDDHISM OF HONMON BUTSURYU-SHU AND THE
PRIMORDIAL BUDDHA***

Alexsânder Nakaóka Elias*

RESUMO

No presente trabalho busco expor as particularidades da corrente budista japonesa *Honmon Butsuryu-shu* (HBS), através de pesquisas de campo realizadas em Templos da religião no Brasil. Além disso, discorro a respeito da sua história, assim como sobre seus principais fundadores, preceitos e a sua chegada e atual contexto no Brasil. Chamo a atenção para o fato de a HBS ser vista pelos próprios devotos como uma religião institucionalizada, que possui um livro sagrado, denominado Sutra *Lótus*. Além disso, tal comunidade crê no Buda Primordial, espécie de divindade máxima, que transmitiu, através do Buda Histórico, o Sutra *Lótus*, sintetizado pela escritura sagrada *Namumyouthourenquekyou*, presente em todos os altares e alvo de extrema veneração.

PALAVRAS-CHAVE: Budismo; Honmon Butsuryu-shu; Sutra *Lótus*; Primordial.

ABSTRACT

In this paper I seek to expose the particularities of Japanese Buddhist tide Honmon Butsuryū-shū (HBS), through fieldwork in the temples of this religion in Brazil. In addition, we discuss about its history as well as about its main founders, precepts and their arrival on the current brazilian context. I draw attention to the fact that HBS is seen by devotees themselves as an organized religion, which has a holy book named Sutra Lotus. Furthermore, this community believes in the Prime Buddha, a kind of maximum divinity, who passed through the Historical Buddha the Sutra Lotus, synthesized by holy scripture *Namumyouthourenquekyou*, present in all altars and it is the target of extreme veneration.

KEYWORDS: Buddhism; Honmon Butsuryū-shū; Sutra Lotus; Prime.

* Mestre em Multimeios (Fotografia e Cinema) pelo Instituto de Artes da Unicamp e Doutorando em Antropologia Social (Unicamp). Rua Antonia de Barros Roele, 224, Vila Santa Isabel, Distrito de Barão Geraldo, Campinas/SP. CEP: 13084-230. E-mail: alexdefabri@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A história nos diz que o Buda, e com ele o Budismo, surgiu numa região chamada *Lumbini*, localizada no atual Nepal, perto da fronteira com a Índia. Foi ali que, no ano de 563 a. C¹, a rainha *Maya*, mulher do rei *Sudhodana*, deu a luz ao príncipe *Sidharta Gautama*, pertencente ao clã dos *Sakya*.

De acordo com a literatura (NOVAK; SMITH, 2003, p. 19) e com relatos por mim coletados em uma viagem de pesquisa de campo, realizada em maio de 2014 - por Japão, Índia e Nepal -, quando *Sidharta* nasceu, seu pai reuniu videntes para descobrir o que o futuro para ele reservava. Os videntes concordaram que estavam diante de um ser incomum, cujo destino poderia se desdobrar em dois caminhos: o primeiro era o caminho do mundo, no qual *Sidharta* unificaria toda a Índia, tornando-se um grande conquistador. Caso renunciasse a este primeiro caminho, tornar-se-ia o redentor do mundo.

Reza o mito que, num certo dia ao cavalgar, o jovem *Sidharta* deparou-se com quatro fatos, conhecidos no Budismo como “As Quatro Cenas”, que transformariam sua vida. Na primeira cena, um velho homem foi visto por *Sidharta*. Em um segundo passeio, se deparou com um corpo caído na estrada, consumido pela doença. Depois, avistou um cadáver e, na quarta cena, viu um *shramana*, uma espécie de religioso caminhante, de cabeça raspada, que sobrevivia apenas com aquilo que as pessoas lhe doavam. Desta forma, aprendeu sobre a velhice, a doença e a morte e, percebendo a certeza da decadência física, viu os prazeres carniais, com os quais estava tão bem adaptado, perderem o seu encanto.

Então, *Sidharta*, aos 29 anos, abriu mão de todos os luxos da vida nobre que levava. Depois, trocando de roupa com um criado que o acompanhava, adentrou na floresta com a cabeça raspada, procurando pela “Iluminação²”.

Assim, numa noite perto da região de *Gaya*, no nordeste da Índia e local que também visitei, ele se sentou embaixo de uma figueira, conhecida como “Árvore *Bo*”,

¹ Segundo relatos bibliográficos e, também, informações coletadas durante uma pesquisa de campo por mim realizada pela Índia e Nepal, em maio de 2014, este seria o ano de nascimento do Buda Histórico, embora uma afirmação exata e categórica de tal acontecimento seja imprecisa, visto que não existe um consenso a respeito do assunto.

² Iluminação ou Nirvana, no Budismo, quer dizer despertar, sair do ciclo de renascimentos e mortes, conhecido como *samsara*.

onde finalmente se libertou das amarras físicas³ e despertou. “Ele havia finalmente encontrado o caminho da Iluminação, tornando-se, em 08 de dezembro, aos trinta e cinco anos de idade, um Buda” (KYŌKAI, 1998, p. 18).

Após a iluminação, o Buda Histórico ou Buda *Shakyamuni*, como passou a ser conhecido, peregrinou durante quarenta e cinco anos levando seu ministério ao público. Aos 80 anos, por volta de 483 a.C., o Buda morreu de infecção alimentar, depois de ter comido, segundo relatos coletados na pesquisa de campo, algumas trufas na casa de Cunda, o ferreiro.

Com a morte do Buda Histórico houve, gradativamente, uma segmentação que originou três grandes caminhos ou vertentes principais. De um lado, um grupo defendeu que o Budismo é tarefa de dedicação exclusiva, no qual a Iluminação consiste no grande objetivo. Para eles, para alcançar tal dádiva, é necessário tornar-se um monge, como o próprio Buda o fizera. Do outro lado, formou-se um grupo menos exigente, mais acessível aos leigos. Argumentam que buscar o Nirvana por si e para si é uma grande contradição. O primeiro grupo se denominou *Theravada*, que significa “O Caminho dos Anciões”; o segundo passou a se chamar *Mahayana* ou “Grande Balsa”, tendo atualmente várias subdivisões; e o terceiro é denominado de *Vajrayana* ou “Veículo do Diamante”, e é normalmente associado ao Budismo Tibetano, embora existam outras escolas dentro desta mesma vertente.

Depois da morte de *Shakyamuni*, seus discípulos pregaram a mensagem, de acordo com o que ouviram. Muitos antigos mestres se reuniram com o propósito de retificar e consolidar as palavras e o ensinamento, cada um expondo aquilo que julgou ter ouvido, e assim passavam meses em discussão. O trabalho resultante dessas reuniões foi chamado de Concílio ou Compilação (KYŌKAI, 1998, p. 271, 272).

TRAÇANDO TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS: O BUDISMO HBS E O BUDA PRIMORDIAL

Mais de 2500 anos se passaram desde que o príncipe *Sidharta Gautama* peregrinou pelo subcontinente indiano. Mais de dois milênios se foram desde que a doutrina ensinada pelo Buda *Shakyamuni* se dividiu em três vertentes principais, *Mahayana*, *Theravada* e *Vajrayana*.

³ “Amarras físicas”, no caso, se referem aos apegos aos sentidos e aos valores seculares de uma existência material mundana.

Após uma primeira e breve narrativa geral sobre o Budismo e o Buda Histórico, é possível definir as particularidades que envolvem a corrente budista *Honmon Butsuryu-shu*, a primeira desta religião a chegar em solo brasileiro. Porém, antes de falar especificamente da HBS, é necessário dizer que ela está inserida dentro da vertente *Mahayana*, que é composta por um grande número de escolas, bem distintas umas das outras, vindas de diversos países Asiáticos, como Índia, China, Japão, Vietnã, Coreia, entre outros.

Minha escolha não foi totalmente arbitrária. Procurei selecionar uma vertente do Budismo *Mahayana* que tivesse representatividade no seu país de origem e, também, que estivesse presente de maneira sólida no Brasil, tendo a possibilidade de ser estudada de forma profunda, através da pesquisa participativa de campo.

Após esta breve definição, é importante salientar que a *Honmon Butsuryu-shu*⁴ foi criada como instituição no Japão, pelo mestre *Nissen Shounin*, no ano de 1872.

O grande intuito da HBS é mostrar, de forma evidente e enfática, a existência do que eles chamam de Budismo Primordial. Para os devotos desta corrente, há um Buda Primordial, primeiro, que é a origem de todos os Budas e origem também de toda e qualquer forma de existência. Isso significa que, além dos diversos Budas que habitam os vários mundos existentes, todos eles, inclusive o Buda *Shakyamuni*, são, na verdade, emanações do Buda Primordial.

Sendo assim, o Buda Histórico seria “simplesmente” uma manifestação do Buda Primordial, que veio à Terra “incumbido da missão de disseminar os ensinamentos do segundo. Ao terminar sua obra, seu legado, retornou imediatamente ao interior do corpo do Buda Primordial” (BUTSURYU-SHU, 2005, p. 02). Pelo fato de irem e voltarem, Budas como o *Shakyamuni* são chamados de (Budas) Transitórios. Não podem, segundo a tradição HBS, ser alvo de veneração, pois consistem apenas em reflexos provisórios, rastros da imagem do Buda Primordial.

Portanto, nos templos da *Honmon Butsuryu-Shu* não existem estátuas do Buda *Gautama* nem de outros Budas, ao contrário da maioria dos santuários de outras escolas da religião. E a justificativa para este fato é que não é, na visão dos adeptos, permitido venerar algo temporário, sujeito à mutabilidade. A forma de venerar o Buda

⁴ Significa, numa tradução literal, Religião Budista do Caminho Primordial do Sutra Lótus Estabelecida pelo Buda Primordial. *Honmon* significa “Caminho Primordial” do Sutra Lótus e faz referência ao trecho que vai do 15º ao 22º capítulo; *Butsu* significa “Buda Primordial”; *ryu* significa “estabelecido” ou “fundado” e *Shu* quer dizer “Religião” (Disponível em <http://www.budismo.com.br/significado.php>. Acesso em 03 de março de 2016).

Primordial seria na sua forma espiritual, pois o próprio Buda teria banido tal forma de devoção.

O Budismo HBS coloca, assim, o Buda Primordial como uma espécie de divindade máxima, criadora, diferentemente de outras doutrinas budistas, que não consideram a existência de uma entidade suprema. Para esta corrente, o Buda Primordial não veio ao mundo, mas sempre esteve nele. Não é apenas o criador do mundo, mas o universo inteiro, antes mesmo dele existir.

De acordo com o *Odoshi*⁵ Correia, um informante privilegiado durante todo o período da minha pesquisa:

Apesar da semelhança com o Deus judaico-cristão, a diferença entre ele e o Buda Primordial é que, para a HBS, o Buda Primordial salva incondicionalmente, e, caso não seja possível, ele vai até lá nas profundezas do inferno mesmo, para resgatar qualquer ser *sensciente*, qualquer ser que tenha vida, não só o ser humano. Enquanto no judaísmo e no cristianismo Deus é uma espécie de árbitro, né, que pode salvar segundo a índole, o comportamento, as ações ou a fé, o sentimento do Buda Primordial é de uma infinita e incondicional compaixão com todos os seres, sem exceção, que devem ser salvos sem distinção e a todo custo (*ODOSHI CORREIA*, entrevista concedida em 2014).

O ENSINAMENTO PRINCIPAL DO BUDA PRIMORDIAL: O SUTRA LÓTUS

Nós do Budismo Primordial HBS, praticamos a fé nos baseando unicamente nos ensinamentos primordiais (*Honmon*) onde Buda assume essa identidade, e não nos demais ensinamentos (*BUTSURYU-SHU*, 2005, p. 15).

O Buda *Shakyamuni* deixou uma vasta coletânea de ensinamentos orais, compilados nos 84.000 *dharmas*⁶ existentes, que juntos formam o Cânone Páli, a escritura sagrada do Budismo.

As diversas correntes budistas, ao longo do tempo, passaram a dar maior ou menor importância a certos textos em detrimento de outros. E, na HBS, não foi diferente. O ensinamento considerado principal pela *Honmon Butsuryu-shu*, que segundo eles foi proferido pelo próprio Buda Primordial (através de sua emanação no

⁵ O termo “*Odoshi*” quer dizer “mestre”, e, no Brasil, é utilizado para designar o responsável por um Templo ou *Oterá*.

⁶ Conjunto dos ensinamentos deixados pelo Buda Histórico.

Buda transitório *Shakyamuni*), é chamado de “Ensino do Caminho Primordial do Sutra Lótus”.

Este Sutra, que é alicerce das correntes budistas *Tendai* e *Nichiren* (a HBS tem sua origem no mestre *Nichiren*, que, por sua vez, sofreu grande influência da escola *Tendai*), teria sido proferido pelo Buda *Shakyamuni* e é considerado por estas escolas a mais importante recitação do Buda Histórico.

O Sutra Lótus, de acordo com entrevistas por mim realizadas junto a HBS do Brasil, foi pregado pela primeira vez na Terra por *Jyogyo Bossatsu*, também visto pela comunidade religiosa no Brasil como o *Bossatsu* Primordial, uma espécie de primeiro “profeta” do Buda Primordial. Porém, a história canônica da religião afirma que tal Sutra foi elaborado e escrito “apenas” na segunda metade do século IV d.C, sendo considerado “um dos mais citados textos da produção literária no ambiente do Budismo *Mahayana*” (USARSKI, 2010, p. 70).

Para a HBS, portanto, o Buda *Gautama*, emanação do Buda Primordial, deixou clara a mensagem de que o Sutra Lótus é o único Sutra a ser seguido, sem margem de possibilidade de adoção de outro tipo de ensino, sendo o caminho que contém a Iluminação completa do Buda Primordial. Os demais Sutras que foram pregados por diversos motivos ou para o preenchimento de uma determinada necessidade, são considerados, pela HBS, como provisórios.

Tal ensino é composto por 28 capítulos, divididos em duas partes. Na primeira metade (1º ao 14º capítulos), constam ensinamentos doutrinários e teóricos, chamados pela HBS, também, de “Caminho Provisório” (*Shakumon*), que antecedem ao Sutra Lótus Primordial. Já a segunda metade (do 15º ao 22º capítulos) contém métodos práticos, chamados pela HBS de “Caminho Primordial” (*Honmon*), único a ser seguido.

Sendo assim, o Sutra Lótus buscaria salvar a todos através “daquilo que podemos oferecer: a fé e a compaixão” (BUTSURYU-SHU, 2002, p. 25). Este Sutra é sintetizado e praticado através da oração ou mantra meditativo “*Namumyouhourenguekyou*⁷”, que representa, para os adeptos, a essência e a semente da Iluminação.

⁷ Não se traduz o seu significado, por se tratar de um mantra, uma palavra e oração que mais possui um poder e energia do que um mero significado.

OS PRECURSORES DA HBS: OS GRANDES MESTRES *NICHIREN*, *NITIRYU* E *NISSSEN*

O servo de Buda é *Nichiren*. O servo de *Nichiren* é *Nitiryu*, e o servo de *Nitiryu* é *Nissen*. *Nitiryu* reestruturou a linha de *Nichiren* e *Nissen* reestruturou a linha de *Nitiryu* (BUTSURYU-SHU, 2007, p. 02).

O Budismo *Honmon Butsuryu-shu* surge com um grande mestre budista japonês, chamado *Nissen Shounin*, que no ano de 1872, na região de *Kyoto*, escreveu a doutrina da HBS. Porém, se faz necessário realizar uma retrospectiva ainda maior, para conhecer, de fato, as origens desta corrente.

É importante saber que a doutrina HBS segue uma linhagem de quatro grandes mestres religiosos. O primeiro era, propriamente, o Buda *Shakyamuni*, que recitou os 84.000 darmas, entre eles o Sutra Lótus, pedra fundamental da *Honmon Butsuryu-shu*.

O segundo mestre foi um homem chamado *Nukina Jiro Shiguetada*, nascido no estado japonês de Tiba, na cidade de *Kominato*, em 16 de fevereiro de 1222.

Este humilde filho de pescador, que já demonstrava quando criança uma forte personalidade, “pois jamais temia as autoridades quando se achava no direito de pronunciar certas verdades” (BUTSURYU-SHU, 2000, p. 09), passou a ser conhecido posteriormente como *Nichiren* e é tido, hoje, como um grande e importante mestre budista e precursor da religião HBS, além de ser o mestre de correntes como *Nichiren Shu*, *Nichiren Shoshu*, Budismo de *Nichiren*, Associação Leiga *Soka Gakkai*, entre outras.

Prosseguindo a história, *Nichiren* (WILLIAMS, 1999, p. 20-45) tornou-se um noviço aos 11 anos de idade, no império de *Yoshitoki*, indo em direção ao Templo *Kiyosumi*, para ser discípulo do Mestre *Dozen Bo*. Ali, estudou os ensinamentos da corrente *Tendai*⁸.

Posteriormente, partiu para uma peregrinação pelo Japão, em busca de sabedoria e conhecimento. Assim ele passou quatro longos anos, até se fixar no monte *Hiei* para concluir seus estudos sobre a corrente *Tendai*, principalmente, mas tendo acesso também às demais correntes budistas existentes no Japão. Após mais onze anos de estudos, percebe na corrente *Tendai* o caminho mais adequado e toma como ensinamento principal o Sutra Lótus, sintetizado na oração sagrada

⁸ A corrente *Tendai* é uma corrente budista japonesa que segue a vertente *Mahayana*. Tem suas origens na escola chinesa *Tiantai*, também conhecida como escola do Sutra Lótus.

*Namumyouthourengekyou*⁹, pronunciada por ele pela primeira vez “em 28 de abril de 1253, no monte Kiyosumi”, na sua cidade natal, *Kominato*.

Dessa forma, *Nichiren*, que é considerado pela HBS como a encarnação do *Bossatsu* Primordial¹⁰, definiu a existência de dois caminhos presentes no Sutra Lótus, o Caminho Primordial e o Caminho Provisório. Para ele, o Caminho Primordial, seguido pela corrente HBS, está contido entre o 15º e o 22º capítulos. Para o mestre, os adeptos budistas devem devotar o título do Sutra Lótus, que consiste exatamente na oração *Namumyouthourengekyou*.

Após o falecimento de *Nichiren*, no dia 13 de outubro de 1282, portanto, aos 60 anos de idade, um terceiro personagem da doutrina HBS surge. Este mestre é denominado *Nitiryu* ou "*Keirinbou*", e também conhecido na vertente primordial como reestruturador da linha *Honmon* do Caminho Primordial do Sutra Lótus. Nasceu no ano de 1385, 103 anos após o falecimento do mestre *Nichiren*, mais precisamente no dia 14 de outubro, sendo considerado pelos adeptos como corpo posterior e renascimento de *Nichiren* e, também, seu sucessor.

Aos 14 anos de idade, *Nitiryu* foi ordenado monge e, aos 18, rumou à cidade de *Kyoto*, alojando-se no Templo *Myouhonji*. Na sua caminhada, *Nitiryu Daishounin* (como passou a ser chamado após ser ordenado monge) buscou enfatizar a superioridade do Caminho Primordial em relação ao Caminho Provisório definido por *Nichiren*, e combateu de forma veemente os segmentos que adotavam outras Sutras como doutrina básica.

Ao completar 30 anos de idade, em 1415, fundou o Templo *Honnouji*, em *Kyoto*, expandindo seus ensinamentos às regiões *Kawati*, *Settsu*, Norte do Japão e *Okayama*. Fundou ainda mais 14 templos, sendo considerando um importante expansionista do Sutra Lótus Primordial.

Além disso, *Nitiryu* também compilou escrituras e é considerado o reestruturador da doutrina teológica de *Nichiren*, deixando cerca de 3000 volumes de

⁹ As cinco sílabas (*Myou-hou-ren-gue-kyou*) não representam uma escrita nem um significado, mas o espírito completo de Buda. São os Três Mil Mundos inerentes ao devoto. É a natureza búdica de todos os seres. Todo o ato, a fala e o silêncio dos seres se originam de um só sentimento. Portanto, ao serenar seus sentimentos, sem hesitação, detendo-se unicamente ao *Myouhou*, não se perderá no ciclo de vida e morte, a lealdade ao soberano e o amor filial serão verdadeiros (Disponível em <http://www.budismo.com.br/doutrina1.php>. Acesso em 03 de março de 2016).

¹⁰ Também conhecido como *Jyogyou Bossatsu*, o *Bossatsu* Primordial foi escolhido diretamente pelo Buda Primordial, para estender a Iluminação a todos os seres *sencientes* em todos os mundos existentes.

escrituras, onde esclarece questões mal interpretadas pelos adeptos e monges, traçando, assim, o Caminho Primordial.

No dia 1º de abril de 1817, nasce *Ooji Sendirou*. Desde a infância, por causa da influência dos pais, apreciava as artes literárias, sendo logo iniciado na caligrafia, literatura e poesia. Segundo relatos coletados junto à comunidade HBS, com apenas 12 anos foi considerado como uma das pessoas mais célebres na área da literatura da era *Meiji*¹¹.

Ao contrário dos mestres que o precederam (*Nichiren* e *Nitiryu*), *Ooji Sendirou* ingressou na carreira de sacerdote “somente” aos 32 anos de idade, por influência da vasta obra do mestre *Nitiryu Daishounin*. Assim, começou sua caminhada sacerdotal no Templo *Ryusenji*, na Ilha *Awaji*, passando a se chamar *Seifu*.

Assim como os Grandes Mestres *Nichiren Daibossatsu*, *Nitiryu Daishounin* e o próprio Buda *Shakyamuni*, *Seifu* não agradava a todos, sendo perseguido e difamado durante toda a sua vida monástica.

Mesmo com as adversidades, vindas principalmente da aversão de outras correntes budistas, que não aceitavam a crença única no Sutra Lótus Primordial, e com o intuito de difundir e proporcionar o conhecimento do Buda Primordial a todos, *Seifu* fundou, no dia 12 de janeiro de 1857, a *Honmon Butsuryu-Shu*. A partir daquele momento, passou a ser chamado *Nagamatsu Nissen Shounin*, patrono universal da HBS e renascimento do mestre *Nitiryu* (e, conseqüentemente, do mestre *Nichiren*).

Além de buscar a expansão e difusão dos costumes do Budismo Primordial, o mestre *Nissen* compôs, ainda, cerca de 3.000 versos explicativos, com o intuito de desenvolver a prática da fé de forma fiel aos ensinamentos dos seus grandes Mestres (Buda *Shakyamuni*, *Nichiren* e *Nitiryu*). Com essa compilação textual de mais de 30 volumes, fundou a base da doutrina da HBS.

Após cumprir seu desejo de estabelecer uma corrente fundamentada na fé no Buda Primordial e no Sutra Lótus, *Nissen Shounin* faleceu em 17 de julho de 1890, aos 74 anos de idade.

¹¹ A era *Meiji* tem início no dia 08 de setembro de 1868 e termina em 30 de julho de 1912. “Recebeu o nome do Imperador japonês *Meiji*, que neste período tornou o Japão uma nova potência mundial” (BUTSURYU-SHU, 2007, p. 13).

O BUDISMO HBS PELO MUNDO

Desde o surgimento da HBS em 1.857, com o Grande Mestre *Nissen Shounin*, até os dias de hoje, mais de 159 anos se passaram. Superando, no início, a aversão de escolas provenientes das correntes *Tendai* e *Nichiren* (ou seja, com a mesma origem da *Honmon Butsuryu-shu*) e passando por diversos empecilhos ao longo de sua história, a HBS consolidou-se como uma das mais importantes correntes do Budismo *Mahayana* japonês, juntamente com as correntes do *Zen*-budismo, *Jôdo-Shin*, *Tendai*, *Nichiren Shu* e *Nichiren Shoshu*.

Atualmente, existem 352 templos da HBS no Japão; seis na Coréia do Sul; um núcleo de cultos em Taiwan; um núcleo de cultos no estado norte-americano do Havaí; um templo e um núcleo de cultos em Los Angeles, Estados Unidos; um núcleo de cultos em Melbourne, Austrália; um templo na Índia; além dos 11 templos no Brasil, o segundo país em número de adeptos desta corrente (tendo menos adeptos do que o Japão, obviamente).

Esta expansão para o exterior começou nos primeiros anos do século XX, através da imigração de japoneses (alguns, sacerdotes da HBS), que saíram do seu país de origem principalmente por causa do derradeiro início da Segunda Guerra Mundial. Um destes imigrantes, chamado *Ibaragui Nissui*, alcançaria terras longínquas e se tornaria o primeiro sacerdote budista a pisar em solo brasileiro.

A CHEGADA DO BUDISMO HBS AO BRASIL. A HISTÓRIA DE *IBARAGUI NISSUI*

Segundo Usarski, dois tipos de Budismo podem ser identificados no Brasil: o Budismo de imigração e o Budismo de conversão, que pode ser, por sua vez, de primeira ou segunda geração (2002, p. 12).

Num primeiro momento, me ateei a falar da vinda do Budismo HBS ao Brasil (Budismo de imigração), fato que coincide com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao país e, também, com a chegada do primeiro sacerdote Budista ao Brasil. Posteriormente, falarei a respeito do budista de conversão, também direcionado aos adeptos da *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil, embora o Budismo de conversão ocorra, de forma semelhante, nas demais correntes.

Esta história começa no dia 28 de abril de 1908, quando um jovem sacerdote parte do porto de *Kobe*, juntamente com mais 790 japoneses, entre eles sua esposa e um irmão¹². O fato de vir com familiares era uma exigência do governo japonês, que dava prioridade para a imigração de famílias, com no mínimo três integrantes.

Portanto, o primeiro budista a pisar em solo brasileiro chamava-se *Tomojirô Ibaragui*, e pertencia à corrente *Mahayana* japonesa, *Honmon Butsuryu-shu*. Este sacerdote veio em missão ao Brasil, juntamente com o primeiro grupo de imigrantes nipônicos trazidos para trabalhar nas lavouras de café. Eles atracaram no porto de Santos dentro do navio *Kasato-maru*, no dia 18 de junho de 1908.

Neste mesmo dia, na proa do navio, *Ibaragui* realizou a primeira oração e culto budista, iniciando assim sua longa missão. Após esta primeira prece, acompanhada por todos que estavam no navio, *Ibaragui* e sua família foram encaminhados para diversas fazendas pelo interior do estado de São Paulo, para trabalhar como agricultores, num regime de semiescravidão.

Sendo assim, é importante notar que o sacerdote passou por outros caminhos antes de exercer seu papel exclusivo como sacerdote da HBS. Isso porque, o intuito inicial da maioria dos imigrantes japoneses era o de permanecer poucos anos no Brasil, tempo necessário para juntar fortuna num país rico em reservas minerais e metais preciosos. Porém, os planos não saíram como o imaginado.

A maior parte dos imigrantes japoneses passou a trabalhar como colonos para grandes proprietários de terra, sendo que *Ibaragui* e sua família não fugiram a essa regra.

Assim, por causa destes contratemplos, a primeira instituição budista no Brasil, pertencente à corrente HBS, foi estabelecida apenas no ano de 1936 (ou seja, 28 anos após o início da imigração nipônica ao país), pelo sacerdote *Ibaragui*.

Dessa forma, no início de 1936, colocou-se em prática o plano de construção do núcleo de cultos, através da doação pelo Sr. Matsubara de parte de seu terreno e, no dia 13 de novembro do mesmo ano, foi inaugurada a obra e realizada a colocação do *gohonzon* (altar). O núcleo de cultos, construído em meio aos cafezais, media 72 metros quadrados e localizava-se a 7 ou 8 km de distância da cidade de Lins, considerada na época uma das cidades mais agitadas da região (USARSKI, 2002, p. 85-86).

¹² O irmão de *Ibaragui*, chamado *Shintara*, era um intelectual que há algum tempo estudava português para ter uma adaptação fácil no Brasil. Imigrou fingindo ser o filho de *Ibaragui*. A esposa do sacerdote, de nome *Yasumura Tiyo*, era natural da província de *Toyama* e seu casamento com *Ibaragui* foi arranjado.

Dando prosseguimento à lenta expansão da HBS, foi estabelecido em Quatá e em Presidente Prudente, no ano de 1940, respectivamente o segundo e o terceiro núcleos de cultos da HBS. Até o fim do ano de 1942, dois templos foram construídos nesses locais, substituindo os antigos centros de cultos.

É nítido notar, portanto, que até a primeira metade da década de 40, apesar dos esforços de *Ibaragui* e do pequeno número de adeptos da HBS do Brasil, pouca coisa havia sido feita para a expansão do Sutra Lótus, doutrina do Buda Primordial.

Mas este panorama começou a mudar com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a eminente derrota das potências do Eixo, compostas por Itália, Alemanha e Japão. Quando a notícia das perdas humanas, políticas e econômicas chegaram aos ouvidos dos japoneses residentes no Brasil, uma grande revolta foi gerada. A maioria dos imigrantes, movida por um nacionalismo exacerbado, não acreditavam na inevitável derrota do seu país. *Ibaragui*, por exemplo, chegou a ser detido por ter se recusado a divulgar para os fiéis a rendição japonesa, uma notícia na qual ele também não acreditava.

Após um período de negação da derrota, os *decasséguis*¹³ e seus descendentes se viram numa situação difícil, já que não poderiam mais voltar para sua terra natal, destruída pela Segunda Grande Guerra, tampouco podiam falar seu idioma nas suas casas ou nos templos, pois havia um grande controle por parte da polícia, com o governo brasileiro, apoiador da base aliada, monitorando severamente as práticas dos imigrantes japoneses.

Mas a derrota na Segunda Guerra Mundial trouxe um aspecto positivo na jornada empreendida por *Ibaragui*, pois, ao perceber que o destino dos imigrantes japoneses no Brasil era fixar residência definitiva, a matriz da *Honmon Butsuryu-shu* no Japão reconheceu o sacerdote como fundador da HBS no país, além de passar a dar crescente apoio à disseminação da doutrina do Buda Primordial em terras brasileiras. Essa tendência foi notada não somente na corrente HBS, mas em diversos outros segmentos budistas japoneses, que, na década de 50, já haviam estabelecido suas primeiras instituições no Brasil.

... os anos 50 foram muito mais decisivos para a institucionalização do Budismo japonês. No decorrer daquela década, o mesmo vivenciou uma

¹³ Termo utilizado para designar os japoneses que trabalham em outro país.

verdadeira onda de fundações, refletindo uma modificação principal na mentalidade dos imigrantes em reação à derrota do seu país natal na Segunda Guerra. Inicialmente caracterizados pela expectativa de não permanecerem no Brasil mais tempo do que o necessário para adquirir uma certa prosperidade, os japoneses sofreriam, depois de 1945, uma forte crise de identidade, mas adaptar-se-iam finalmente à nova situação, decidindo ficar no Brasil como habitantes permanentes. Mais ou menos simultaneamente ao êxodo rural e à criação de colônias japonesas em algumas cidades, especialmente na capital de São Paulo, todas as correntes religiosas, até então representadas quase que exclusivamente por leigos e sua prática informal, manifestaram-se oficialmente no Brasil, com o apoio das organizações matrizes no Japão (USARSKI, 2002, p. 13-14).

No caso da HBS, apenas nos anos 60 a matriz japonesa passou a enviar sacerdotes para expandir a religião e investir na educação de um crescente número de sacerdotes brasileiros. Nesta mesma década, os Sumos Pontífices, cargo máximo na hierarquia da HBS, passaram a visitar o Brasil.

Com a fixação dos japoneses no Brasil, o crescente apoio da HBS matriz e após o falecimento de *Ibaragui Nissui*, algumas transformações importantes aconteceram em relação às práticas religiosas. Uma primeira mudança importante é o uso (ainda hoje crescente) da língua portuguesa nos templos, tanto em conversas informais entre fiéis, como em ensinamento religiosos, cultos, orações e reuniões (embora a utilização do português seja alternada com o uso do japonês).

Esta mudança ocorreu naturalmente, a partir da segunda geração de descendentes, que tem no português sua linguagem corriqueira. Nas palavras de Usarski (2002):

Essa tendência teve início na década de 70, a partir das associações dos jovens e das crianças, não havendo a possibilidade de retrocesso; panfletos explicativos são editados em português. Foi nessa conjuntura que os *nisseis*, segunda geração, iniciaram seu ingresso na carreira sacerdotal. Até 1987 foram ordenados sete sacerdotes *nisseis*; além destes, dois sacerdotes de descendência não japonesa foram ordenados (2002, p. 103).

Desta forma, tem-se a expansão da HBS através do Budismo de conversão, visto que a doutrina pode, agora, ser compreendida por todos, na língua oficial do Brasil.

ATUAL PANORAMA DA HBS NO BRASIL

Para entender o atual panorama do Budismo HBS no Brasil, é preciso considerar a existência de outras correntes budistas no país, assim como a representatividade da religião.

Atualmente, mais de um século depois da imigração japonesa, existem mais de 245 instituições budistas no Brasil (não só japonesas, como também chinesas, coreanas, vietnamitas, do sudeste asiático, entre outras), entre templos, associações e centros de estudos da religião, sendo que a maioria concentra-se nas regiões Sul e Sudeste, totalizando mais de 80% de todas as instituições instaladas no país.

Entre estas instituições, temos a presença do budismo *Vajrayana* Tibetano, com as escolas *Nyingma*, *Bön*, *Gelug*, *Kagyü* e *Sakya*; das escolas *Mahayana Ch'an* e *Ching-t'u*, provenientes da China; do budismo *Theravada*, proveniente do Sudeste Asiático; das escolas *Mahayanas Jōdo*, *Jōdo Shin*, *Nichiren*, *Sōtō Zen* e *Honmon Butsuryu-shu*, proveniente do Japão; do budismo *Vajrayana* japonês, com as escolas *Shingon* e *Tendai*; do budismo *Mahayana* Vietnamita, representado pela escola *Thiên* e do Budismo *Mahayana* Coreano, representado pela escola *Sōn*.

Segundo o último censo do IBGE, realizado em 2000, existem no Brasil 214.873 budistas. Porém, “em março de 1997, a revista *Isto é* fez referência a cerca de 1 milhão de seguidores desta religião oriental. Em fevereiro de 2001 a *Folha de São Paulo* se referiu ao mesmo número (USARSKI, 2002, p. 10).

Na HBS do Brasil, estima-se que existam cerca de 8.000 fiéis nos 11 templos da religião no Brasil. Estes templos são: *Taissenji*, localizado em Lins-SP; *Ryushoji*, em Mogi das Cruzes-SP; *Nissenji*, em Presidente Prudente-SP; *Hompoji*, em Londrina-PR; *Hoshoji*, em Itaguai-RJ; *Butsuryuji*, em Taubaté-SP; *Honmyoji*, em Sarandi-PR; *Rentokuji*, em Campinas-SP; *Nyorenji*, em Curitiba-PR; *Shinyouji*, em Cuiabá-MT e o templo central *Nikkyoji*, que fica localizado na Rua Ibaragui Nissui¹⁴, número 166, no bairro Jardim Vila Mariana, na capital paulista.

A maior parte dos fiéis da *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil é formada por japoneses e seus descendentes (de primeira ou segunda geração), mas existem fiéis e até alguns sacerdotes de origem não japonesa. Isso comprova a imersão cultural da religião HBS no país, cada vez mais miscigenando e integrando nipônicos e brasileiros,

¹⁴ A rua onde fica localizado o templo *Nikkyoji* recebeu a nomenclatura *Ibaragui Nissui*, em homenagem ao fundador da HBS no Brasil.

seguidores do Buda Primordial e de seus ensinamentos.

É possível notar, desta forma, o sinuoso trajeto do Budismo, desde o Buda Histórico até a sua chegada ao Brasil (cruzando as fronteiras do Nepal, Índia, Tibete, China, Japão e vários outros países asiáticos) com o sacerdote *Ibaragui*. Além disso, é perceptível que a vida laica (ou leiga) passou a ser cada vez mais valorizada no Budismo japonês e que a expansão da doutrina para os leigos tornou-se, a partir do século XV, um objetivo claro e alternativa para a realização espiritual, tão viável quanto a vida monástica (GONÇALVES, 2007, p. 49).

Outra importante transformação realizada pela HBS do Brasil foi o surgimento de uma espécie de “batizado” (cerimônia de iniciação ao Budismo), que faz uso do nome de uma típica cerimônia cristã.

Qualquer criança filho de fiel poderá receber o batismo. Os “padrinhos” e “madrinhas” são escolhidos e o dever dos mesmos é auxiliar os pais na educação e no bom encaminhamento dos seus afilhados. No templo *Nikkyoji* de São Paulo, esta cerimônia é realizada desde 1980. Também são realizadas cerimônias de enlace matrimonial (USARSKI, 2002, p. 103-104).

Para o *Odoshi* (mestre) *Nitiyuu* Correia, que até 2014 ocupava o posto de Arcebispo da HBS, cargo religioso mais importante desta escola budista no Brasil:

Desde o primeiro momento em que a pessoa comparece no templo já é um batismo! No primeiro momento que recebe o *Namumyouhourenguekyou*, que ela pronuncia o *Namumyouhourenguekyou* já é o batismo. Você está recebendo o elo. Ela já está convertida pelo elo. É importante que ela demonstre consciência disso dizendo ‘eu vou me converter! Eu vou me converter!’. E no caso do batizado que é feito pra criança, é uma cerimônia que objetiva o compromisso dos pais em rezar, em fazer com que a criança herde, se torne uma herdeira do Darma Sagrado, *Namumyouhourenguekyou*. Esse é o objetivo principal! Prometer que vai se esforçar pra criança se tornar mais um veículo de transmissão do Darma Sagrado! No Japão, eles chamam isso aí de “cerimônia de prosseguimento religioso” ou “cerimônia de primeira participação em um culto”, em uma tradução ao pé da letra, com os nomes que eles usam lá. Se a gente trouxer isso aqui, o pessoal ia falar: ‘ah, mas não tem batismo?’ Então as pessoas iriam procurar em outras! O nome ‘batismo’ faz parte de uma cultura. A gente começou a introduzir isso aí no começo da década de 80. Antes disso não existia esse nome, nem existia esse tipo de prática, já ocidentalizada (*ODOSHI* CORREIA, entrevista concedida em 2011).

Além desta prática ritual (batizado), existem outras celebrações na HBS do Brasil que têm como base linguística, mais do que simbólica, as cerimônias cristãs, como a catequese budista, as passeatas e a prática da conversão, um dos maiores

objetivos desta corrente, que visa disseminar para todos os preceitos do Sutra Lótus:

... fora de seu contexto original, qualquer cultura se transforma, antes de mais nada, em instrumento que possibilita a comunicação, e por isso é preciso levar em conta o que se tornará significativo no(s) novo(s) contexto(s) em que se verá inserida. Para que uma cultura desempenhe com sucesso tal tarefa, é necessário selecionar, no seu interior, esses elementos significativos que tornam possível a comunicação (NINA, 2006, p. 31-32).

Assim, chama a atenção a utilização de termos como “papa budista” ou o seu sinônimo “sumo-pontífice”, utilizados para designar a autoridade máxima da religião HBS; “Catedral”; “Arcebispo”; “pré-pontífice”; “fiéis”; assim como as nomenclaturas “monge” e “sacerdote”, utilizadas para designar os religiosos da HBS do Brasil, em detrimento do termo em japonês “*Odoshi*”, que significa “mestre”, em uma tradução livre. Outros termos também são incorporados ao vocabulário dos sacerdotes e fiéis, sendo justificados, em primeira instância, pelos mesmos motivos do uso do termo “batismo”, embora os significados rituais, hierárquicos e simbólicos sejam bem distintos dos termos utilizados pelo vocabulário ocidental (judaico-cristão).

Outro exemplo claro desta adaptação cultural, expressa de forma sintomática pelos termos linguísticos utilizados, é o chamado “*Okoussui*”. No Brasil, o *Okoussui* recebe o nome de “água sagrada” ou “água benzida”, sendo considerado pela HBS como um remédio, que age através da fé. O termo benzido, aqui, traça nitidamente uma relação com a “água benta” da religião católica, embora seu poder simbólico e a sua função prática (a da cura) e ritual (deve ser ingerida orando o mantra sagrado, *Namumyouhourenguekyou*) sejam bem distintas.

Pode-se destacar, ainda, a utilização de instrumentos musicais importantes nas cerimônias e rituais da HBS. Foi o mestre *Nissen Shounin*, fundador desta escola que, no ano de 1878, introduziu o uso das clavas (*hyoushiki*), do metalofone (ou *mokkin*, uma espécie de xilofone) e do *taiko* (ou *houko*), durante as cerimônias. Todos esses instrumentos foram adequados para a função principal de ritmar a concentração na oração *Namumyouhourenguekyou*. O *Taiko*, por exemplo, chamado no Brasil de “tambor japonês” por causa do som semelhante ao tambor e ao tamborim, é um famoso instrumento de percussão nipônico.

Já o *mokkin* é uma espécie de xilofone, normalmente tocado pelos sacerdotes em celebrações maiores, como nos cultos matinais. Seu som é ritmado e, assim como os demais instrumentos, acompanha a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*. Aqui, é importante fazer um pequeno, mas interessante

relato, que dialoga com a questão da adaptação cultural e linguística da HBS em terras brasileiras. Em uma das etapas de pesquisa de campo, realizada durante uma Passeata pela Avenida Paulista (em 2011), notei a utilização de um pequeno berimbau, instrumento tipicamente brasileiro, comum nas rodas de capoeira, que consiste, ao mesmo tempo, em uma arte marcial e dança típica nacional. Ao perguntar ao sacerdote *Kyogyou* Amaral, que manipulava o instrumento curioso naquele contexto, a resposta foi a seguinte:

Esse aqui é um tipo de berimbau, eu acho. Na verdade, ele tem um som parecido com o *mokkin*. Então, a gente utiliza ele, por ser mais leve e portátil, em ocasiões como as passeatas. Porque não tem como levar instrumentos maiores. Aí a gente improvisa, adapta. Chamamos o instrumento de “*cokkin*”, porque é feito de coco mesmo. É engraçado, porque até a sonoridade da palavra (*cokkin* e *mokkin*) fica parecido, igual ao som que eles fazem, que também se parecem (*KYOUGYOU* AMARAL, entrevista concedida em maio de 2011).

Tal Passeata, onde foi estabelecido o diálogo sobre o *cokkin*, consiste em uma cerimônia que não foi percebida empiricamente ou através de relatos durante pesquisas que realizei no Japão. Em cerimônias como estas, fiéis e sacerdotes caminham por lugares movimentados, como na Avenida Paulista, de preferência aos sábados, em períodos com grande fluxo de pedestres.

Os sacerdotes e fiéis se agrupam em fila indiana, sendo que nas extremidades sempre ficam os homens mais fortes, com o intuito de proteger os demais integrantes. Isto porque é comum que pessoas mais conservadoras e preconceituosas agridam os integrantes da passeata, com insultos ou, até mesmo, fisicamente. No meio da fila, normalmente seguem mulheres, crianças e idosos.

Após formarem o segmento, todos caminham e entoam, incessantemente, o *Namumyouthourenquekyou*, com a justificativa de que o mínimo contato com o Mantra Sagrado (tanto por parte de homens, mulheres, animais e plantas, ou seja, todo ser *sensciente*), fonte e essência da Iluminação do Buda, cria com ele um elo de ligação. Mesmo aquele que o ouve e debocha, faz surgir um elo (negativo, mas mesmo assim um elo), que o fará, nos próximos renascimentos, se aproximar cada vez mais do Nirvana.

Outro ritual importante é chamado, no Brasil, de “Culto Póstumo”. Como o próprio nome remete, são cerimônias realizadas em homenagem a algum fiel falecido. Estas celebrações ocorrem no *Oterá* (Templo) e são oferecidas (ofertadas) por algum parente da pessoa reverenciada. Todos os fiéis são bem vindos e, de acordo com a

tradição, também são convidados para um almoço em grupo.

Porém, também no caso dos “Cultos Póstumos”, é necessário fazer uma distinção em relação às tradicionais celebrações fúnebres (funerais, missas de sétimo dia, missas de um mês de falecimento, aniversário de falecimento, etc) de outras religiões. Quando se pronuncia o termo “Culto Póstumo”, normalmente se imagina cemitérios, sofrimento e todo o repertório de uma tradicional cerimônia fúnebre ocidental. No caso da *Honmon Butsuryu-shu*, a palavra “Culto Póstumo” vem do original japonês “*Ekou*”, que significa “Transferência de Virtudes”. É o sentimento que se tem quando se experimenta algo que gostamos e desejamos compartilhar com mais alguém.

Pelo significado, pode-se notar que “Culto Póstumo” não tem um cunho estritamente póstumo, como sua designação dá a entender. O significado correto para a HBS é o de superar o limite da morte pelos nobres sentimentos de compaixão e através do espírito de fé que o sustenta, mesmo porque a noção de morte é tensionada na religião, que acredita em vários renascimentos (e mortes), em um ciclo quase interminável, chamado *samsara*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o atual panorama do Budismo HBS no Brasil, é preciso considerar a existência de outras correntes da religião no país, assim como a representatividade desta tradição, bem como as semelhanças e distinções em relação às práticas realizadas no Japão, seu país de origem.

Neste sentido, chama a atenção o fato da HBS do Brasil direcionar as suas atividades para a prática da fé através das cerimônias, rituais, orações e liturgia, sendo que as práticas meditativas e contemplativas, por exemplo, recebem menor importância na visão dos próprios adeptos, fato que a diferencia da maioria das escolas budistas presentes no país.

Tal comunidade busca, assim, expandir os preceitos do Sutra Lótus, e, para isso, realiza no Brasil um processo de adaptação sociocultural, incorporando termos da língua e cultura local (pontífice, sumo pontífice, papa, Catedral, batismo, passeata, monge, bispo, sacerdote, etc.), tendo como meta a expansão e conversão de fiéis, no que Frank Usarski (2002, p. 104) chamou de “Budismo de conversão de segunda geração”.

Assim, pretendi mostrar com o presente artigo que a HBS do Brasil, através

de seus líderes religiosos, mas, também, da sua comunidade de fiéis, utilizando aqui um termo êmico, não passam simplesmente por um processo de aculturação. O intuito é o de expandir os preceitos da religião do caminho do Sutra Lótus, assim como ocorre no Japão, país de origem desta escola.

Porém, para que isso ocorra em um país tão distinto socioculturalmente, existe um processo de assimilação, que mescla elementos das culturas brasileira e japonesa, permitindo quebrar importantes barreiras simbólicas - como a língua, por exemplo -, conquistar novos fiéis e expandir o ideal da Iluminação, obtido única e exclusivamente através da oração e imagem sagrada, *Namumyouhourenguekyou*.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luiz. *Buda*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1977.

BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*. São Paulo, V. 01, n. 94, pp. 02-21, jan./jun. 2007.

_____. *Revista Lótus*. São Paulo, V. 01, n. 70, pp. 02-07, jul./ago. 2005.

_____. *Revista Lótus*. São Paulo, V. 01, n. 57, pp. 20-31, jan./jun. 2004.

_____. *Revista Lótus*. São Paulo, V. 01, n. 04, pp. 09-16, jan./jun. 2000.

CORREIA, Kyouhaku. *O significado de Honmon Butsuryu-shu* [online]. Disponível em: <<http://www.budismo.com.br/significado.php>>. Acesso em 3 mar. 2016.

_____. *A doutrina da Honmon Butsuryu-shu* [online]. Disponível em: <<http://www.budismo.com.br/doutrina1.php>>. Acesso em 3 mar. 2016.

GONÇALVES, Ricardo Mário. *A ética budista e o espírito econômico do Japão*. São Paulo: Elevação, 2007.

KYŌKAI, Bukkyō Dendō. *A doutrina de Buda*. 4. ed. São Paulo: Fundação Educacional e Cultural Yehan Numata, 1998.

NINA, Ana Cristina Lopes. *Ventos da Impermanência*. São Paulo: EdUSP, 2006.

NOVAK, Philip; SMITH, Huston. *Budismo: Uma introdução concisa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

STARK, Rodney. Why religious movements succeed or fail: a revised general model. *Journal of contemporary religion*, v. 11, n. 2, pp. 133-146, 1996.

USARSKI, Frank (org.). *O budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.

_____. *Upaya - um “meio habilidoso” pacífico?* In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER. (Org.). *Religiões e Paz Mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 61-78.

WILLIAMS, Paul. *Mahayana Buddhism. The doctrinal foundations*. Londres: Editora Routledge, 1999.

Recebido em 26/04/2016

Aceito em 06/07/2016